



Descolonizar a universidade: Missão impossível?

NAOMAR ALMEIDA-FILHO

Santiago Castro-Gómez (2007) escreveu um ensaio-manifesto intitulado “Descolonizar la Universidad”, onde indica que essa instituição, invenção da cultura teocrática medieval, teria sido reinventada como farol da modernidade ocidental no processo da colonização, particularmente na América Latina. Nessa mesma linha, vários pensadores sociais retornaram a esse tema tão desafiador, referindo-se a contextos diversos. Boaventura de Sousa-Santos (2017) inclusive utilizou o mesmo título para tratar a universidade como fonte das epistemologias do Norte.

A coletânea de Bhambra, Gebrial & Nişancioğlu (2018), trouxe à luz uma hipótese otimista: a de que a própria universidade neoliberal, que vem sendo reformada desde o final do século XX, pode ser libertada da sua colonialidade originária. Isso se daria por meio da desconstrução de seus fundamentos (Maldonado-Torres *et al*, 2018), dos processos de desracialização (Holmwood, 2018), da reinvenção de sistemas curriculares (Lockley, 2018) e da descolonização de modelos pedagógicos (Dennis, 2018).

Com uma história bem diferente dos países do continente americano colonizados pela Coroa Espanhola, o Brasil, país de colonização portuguesa, teve a educação superior liminarmente interdita durante todo o período colonial (Weinberg, 1981). Neste dossiê, autores representativos da cultura intelectual brasileira trazem perspectivas distintas, resultantes de um sistema universitário portador de uma colonialidade peculiar, diretamente herdada de matrizes eurocêntricas importadas já no período pós-colonial, componentes de uma subalternidade mais claramente econômica e ideológica.

Primeiro, numa abordagem assumidamente histórica, o artigo de Naomar Almeida-Filho (2024) revisita a teoria da colonialidade de Quijano e outros autores, indicando sua insuficiência para orientar estratégias e ações de descolonização na universidade brasileira. Para isso, a partir da teoria dialética da colonização formulada por Alfredo Bosi (crítico literário e historiador paulista recém-falecido), propõe-se uma análise microhistórica de casos-índice de colonialidade: a negação de Cabanis na história da Educação Superior, o mito da universidade humboldtiana, a danação de Flexner no ensino médico nacional, e o protagonismo de Sucupira na reforma universitária conduzida pelo regime militar. As conclusões desse autor resultam numa agenda política de descolonização da matriz colonializada de poder que busca compreender os espaços de produção de relações sociais, conhecimentos sistematizados, saberes tácitos e práticas culturais vigentes no campo da Educação Superior no Brasil.

Segundo, o artigo de Vinicius Pereira de Carvalho e Maria The-reza Ávila Dantas Coelho examina uma possibilidade de saída dos dilemas e impasses impostos pela subordinação da universidade aos campos de conhecimento formalmente reconhecidos pela modernidade tecnocientífica. Esses autores exploram um campo profissional historicamente decisivo para a construção da identidade universitária no Brasil: o campo da saúde. Numa perspectiva convergente com a proposta de Sousa-Santos de uma ecologia de saberes, Carvalho e Coelho (2024) analisam práticas integrativas e complementares de cuidado em saúde como possibilidades de enriquecer os processos formativos de estudantes de carreiras profissionais, numa solução respeitosa da epistemo-diversidade subtraída pelo ensino tecno-centrado hegemônico.

Finalmente, o ensaio de Renato Dagnino (2024) localiza seu olhar crítico a partir da periferia do capitalismo globalizado, considerando a educação em geral como objeto de um pacto entre os grupos sociais detentores de poder e hegemônicos na configuração do Estado nacional. Na formação social brasileira, esse acordo, por ele designado como “pacto cognitivo”, teria sido resultado de vetores e dinâmicas bastante distintos do que teria ocorrido na história do capitalismo industrial nos países centrais. Dagnino complementa sua análise com uma avaliação dos processos macropolíticos que suportam a tecnociência capitalista que, para além das suas correlações como ativo financeiro e fator de produção da economia digital globalizada, representam igualmente interesses e demandas de uma elite local, periférica e subalterna. Considerando a emergência de um novo perfil de trabalhadoras e trabalhadores do conhecimento, engajados num contexto de “reindustrialização solidária” e numa política cognitiva atualizada, defende-se que a educação, particularmente a educação universitária, deve estar focada no atendimento das demandas cognitivas da economia solidária.

Este conjunto de artigos, apesar de referidos a um contexto específico, buscam avaliar a problemática de como seria possível descolonizar uma instituição cuja história se define como eixo crucial da colonialidade do saber. Em outras palavras, enfim, trata-se de uma missão impossível? Ou podemos ter esperança e confiar nas potencialidades criativas dessa instituição milenar que, a cada momento de sua história, reinventa-se e se revitaliza?

Investigador Senior del CNPq. Profesor titular del Instituto de Salud Colectiva de la Universidad Federal de Bahía (retirado). Titular de la Cátedra Alfredo Bosi en Educación del Instituto de Estudios Avanzados de la USP (2021-2023)

Referências

- Almeida-Filho, Naomar. Rescate Histórico de la Educación Superior en Brasil: Casos-Índice de Colonialidad en la Universidad (2024).
- Bhambra, Gurinder K; Gebrial, Dalia; Nişancioğlu, Kerem (eds.) *Decolonising the University*. London: Pluto Press, 2018.
- Carvalho, Vinicius; Coelho, Maria Thereza Ávila Dantas. La Educación Superior en Salud desde una Perspectiva Decolonial: Aporte de las Prácticas Integrativas y Complementarias (2024).
- Castro-Gómez, Santiago Decolonizar la Universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p.79.
- Dagnino, Renato. La Educação en la Periferia del Capitalismo: Construyendo un Nuevo Pacto (2024).
- Dennis, Carol Azumah. Decolonising Education: A Pedagogic Intervention. In: Bhambra, Gurinder K; Gebrial, Dalia; Nişancioğlu, Kerem (eds.) *Decolonising the University*. London: Pluto Press, 2018, p.190.
- Holmwood, John. 2018). Race and the Neoliberal University: Lessons from the Public University. In: Bhambra, Gurinder K; Gebrial, Dalia; Nişancioğlu, Kerem (eds.) *Decolonising the University*. London: Pluto Press, 2018, p.37.
- Lockley, Pat. Open Initiatives for Decolonising the Curriculum. In: Bhambra, Gurinder K; Gebrial, Dalia; Nişancioğlu, Kerem (eds.) *Decolonising the University*. London: Pluto Press, 2018, p.145.
- Maldonado-Torres, Nelson; Vizcaíno, Rafael; Wallace, Jasmine; Jeong Eun, Annabel We. Decolonising Philosophy. In: Bhambra, Gurinder K; Gebrial, Dalia; Nişancioğlu, Kerem (eds.) *Decolonising the University*. London: Pluto Press, 2018, p.64.
- Sousa-Santos, B. *Decolonising the University: The Challenge of Deep Cognitive Justice*. Newcastle: Cambridge Publishers, 2017.
- Weinberg, Gregorio. *Modelos Educativos em el Desarrollo Historico de America Latina*. Santiago: CEPAL/UNESCO/PNUD, 1981. 221pp.